

UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICO- PEDAGÓGICA-DOCENTE: CONSTRUÇÕES TEORÉTICA E PRÁTICA ATRAVÉS DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA EM MACEIÓ/AL

Yvisson Gomes dos Santos*
Anderson de Alencar Menezes**

RESUMO

O presente artigo trata de analisar uma prática pedagógica no âmbito da filosofia no Ensino Médio, proposta pelo professor desta disciplina em uma escola pública de Maceió/AL. A visão da criação de conceitos deleuziana teve como marca o saber/fazer entre professor e alunos na presente pesquisa. Concluímos: uma aula dinâmica provoca alunos igualmente dinâmicos no ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Ensino. Conceito. Criticidade.

ABSTRACT

The present article tries to analyze a pedagogical practice in the scope of the philosophy in High School, proposed by the professor of this discipline in a public school of Maceió/AL. The view of Deleuzian concept creation was marked by the know-how between teacher and students in the present research. We conclude: a dynamic class causes equally dynamic students in teaching and learning.

KEYWORDS: Philosophy. Teaching. Concept. Criticity.

* É professor de Filosofia da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação de Alagoas - SEDUC/AL.
E-mail: yvissongomes@hotmail.com.

** Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: anderufal@gmail.com.

Introdução

Entrar em uma sala de aula, conhecer os alunos é tarefa corriqueira para nós, professores. E quando pesquisamos o ensinar de outro professor e de seus alunos, o que nos ocorre no orbe acadêmico? Pensa-se nas diversas possibilidades de encontro, de experiências com meu colega de profissão que se transformam em relações quer afetivas, quer profissionais. Esse trabalho se apresenta como um encontro, um vínculo e um elo estabelecido pela área professoral, mas precipuamente pela pesquisa. Pesquisar a ação de um professor em seu ofício requer atenção e comprometimento, e ainda mais: isenção de juízos valorativos, *a priori*.

O presente artigo fez trajeto em uma aula específica de um professor do ensino médio em Maceió/AL que versou sobre o Racionalismo e o Empirismo. Fizemos uma pesquisa em observação participante¹, e com ela pudemos dialogar com filósofos e pesquisadores da Educação&Filosofia.

Desde Kant (1999) até Deleuze (2011; 1992), com a concatenação proposta por Silvio Gallo (2007), Rodrigo (2007) e outros, depuramos o texto nos matizes da emancipação, da criticidade, da criação de conceitos em devires, da razão que nos identifica como seres humanos, ou sujeitos – como deseja a modernidade.

Pensar a filosofia é pensar a criticidade que emancipa. Quando um docente se encontra com seus discentes há propostas de emancipação intelectual, – nem sempre a contento–, mas há a firmeza de que os saberes quando bem engendrados, permitem o ensino e a aprendizagem de forma tanto transversal, quanto horizontal.

¹ “A observação participante, implica, necessariamente, um processo longo. Muitas vezes o pesquisador passa inúmeros meses para “negociar” sua entrada na área. Uma fase exploratória é, assim, essencial para o desenrolar ulterior da pesquisa. O tempo é também um pré-requisito para os estudos que envolvem o comportamento e a ação de grupos: para se compreender a evolução do comportamento de pessoas e de grupos é necessário observá-los por um longo período e não num único momento” (WHYTE, W. F. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005, p. 320).

Construção filosófica pelos matizes deleuzianos e kantianos: ou a experiência do filosofar

Consideramos que a filosofia nasceu para um propósito bem definido: de fazer com que os sujeitos que dela façam uso sejam críticos, emancipados intelectualmente e que possam promover a criação de conceitos (DELEUZE, 1992). Esses endereços partem, também, do pressuposto kantiano de que não se ensina filosofia, mas se ensina a filosofar. Kant (*apud* DELEUZE, 2011, p. 10) enunciava a importância do pensamento crítico. Esse pensamento que se encontra na lógica e nas faculdades do pensar. De acordo com Kant revisto por Deleuze, em uma frase extraímos o seguinte: “o entendimento julga, mas a razão raciocina” (DELEUZE, 2011, p. 28). Ajuizar o pensamento, dar um sentido lógico deverá ser a missão de um filósofo ou de um professor de filosofia aos seus alunos.

A disciplina de filosofia deve ser vista por diversos ângulos e perspectivas no âmbito de seu ensino e aprendizagem. Quando pesquisamos a atuação do professor, verificamos que essa disciplina, hoje considerada “estudos e práticas” pela atual LDB 9394/96, poderá, com o acordo entre teoria e prática, estabelecer uma amplitude de autonomia e inventividade à díade professor e aluno para o fortalecimento e indispensabilidade desta área do conhecimento ao Ensino Médio.

Da *Paideia* grega à contemporaneidade busca-se uma marca que defina a filosofia. Sendo a mesma “amizade a sabedoria” tem-se este rastro etimológico que se desdobrará em contingências para possíveis definições da mesma em tempos históricos diversos (CHAUI, 1994).

A filosofia busca os fundamentos da Verdade que são encontradas em diversos orbes epistemológicos para defini-la. Cada momento histórico ou cada pensamento sobre a filosofia ganham particularidades, ora propedêuticas, ora cintadas, com intuito de se perguntar “o que é a filosofia?”

Os gregos da *physis* acreditavam ser a matéria ou as matérias os aportes necessários para se pensar a origem do mundo, do cosmos. Já no pensamento socrático, o diálogo como forma de encontrar momentos de verdades sobre temas universais, tais como: o Belo, a Ética, a Moral, o Bem, O Mal, a Virtude etc.

Na Idade Média encontraremos revisitações da filosofia grega, entre os principais tem-se Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. No traslado da baixa

Idade Média com a Modernidade, os temas serão diversos mais com ilações pertencentes aos temas universais gregos, mesmo que para desdizê-los, ratificá-los ou ainda acrescentar novas formas de se olhar esses temas.

Na contemporaneidade, novos elementos de pesquisa são estudados pelos cultuadores da sabedoria. Desde a indústria cultural com vieses marxistas, até a articulação da linguagem como construto lógico, os saberes serão diversos. Estudos de psicologia, antropologia, sociologia e educação serão discutidos pelos vieses da filosofia. O que faz com que a compreensão dos fundamentos sejam maleabilizados e vistos por óticas díspares da grega do V século a.C. Os conceitos serão criados por filósofos, segundo Deleuze (1992), mas também inscritos em locais de poderes que coabitam os sujeitos e suas relações de poderes (FOUCAULT, 2007).

Na Educação não será diferente. As tendências pedagógicas deverão ser respaldadas em correntes filosóficas das mais diversas, e o ensino e aprendizagem alicerçados sob essas tendências. A filosofia da educação ganhará um verniz mais dinâmico em seu *corpus* teórico, de Rousseau a Kant, de Nietzsche e Foucault, teremos ângulos diferenciados para se ver à Educação e sua práxis, de modo a precisar a transdisciplinaridade do ato de educar para a formação de sujeitos autônomos e críticos. E qual a etapa inicial dessa Educação? Onde ela nasceu para nós, Ocidentais?

Relembrando, que a Educação grega nasceu no V século a.C. com a *Paideia* grega, ou seja, no mundo helênico. Podemos assim afirmar sê-la inerente à educação grega. O pensamento do *logos*, da razão, permeia a construção do apotegma grego influenciando, posteriormente aos séculos seguintes no Ocidente. E como é entendido o pensar educativo grego que nós Ocidentais nos debruçamos? Ele é:

Entendido como aspiração ao conhecimento racional, lógico e sistemático da realidade natural e humana, da origem e causas do mundo e de suas transformações, da origem e causas das ações humanas e do próprio pensamento, é um fato tipicamente grego. [...] é um modo de expressar e exprimir os pensamentos que surgiu especificamente com os gregos e que, por razões históricas e políticas, tornou-se depois o modo de pensar e exprimir dominante da chamada cultura europeia (CHAUI, 1994, p. 20)

A filosofia na qual estamos alinhavados é grega em seu cerne teórico. E o modo de ensinar tem uma das alternativas à utilização do conhecimento racional da natureza humana. Já pensamos sobre esse pensamento racional que é metódico e

sistemático, agora precisamos pensar na ensinabilidade da disciplina de filosofia no ensino médio.

Para isto vamos colocar a prática do professor da escola pesquisada em evidência, na busca de alunos ou “seres críticos” no pensamento da filosofia que é antes de qualquer coisa a análise crítica conceitual.

Podemos dizer que o pensamento se encontra na articulação do experimentar, mas que nessa experiência é visada a novidade, o que vem a ser notável, pois “pensar é experimentar, mas a experimentação é sempre o que se está fazendo – o novo, o notável, o interessante, que substituem a aparência de verdade e são mais exigentes que ela” (DELEUZE; GUATTARI *apud* GALLO, 2007, p. 26). Busquemos mais detalhes sobre esses três princípios que caracterizam a filosofia aos alunos do ensino médio. Pergunta-se: e como se apresenta o pensamento filosófico ao aluno do ensino médio? Como se pode discriminá-lo didaticamente? De acordo com Gallo (2007) existem três categorizações, a saber:

- 1 – trata-se de um pensamento conceitual: enquanto saber, ela é sempre produto de pensamento, é uma experiência de pensamento. Mas o que caracteriza a filosofia [...] é que ela é uma experiência de pensamento que procede por conceitos, que cria conceitos [...]
- 2 – apresenta caráter dialógico: ela não caracteriza como um saber fechado em si mesmo, uma verdade dogmática, mas como um saber que se experimenta [...]
- 3 – possibilita uma postura crítica radical: a atitude filosófica é a de não-conformação, do questionamento constante, da busca das ideias das coisas, não se contentando com respostas prontas e sempre colocando em xeque as posturas dogmáticas e as certezas apressadas (p.22).

A utilização de recursos didáticos e suas metodologias: uma experiência em sala de aula

Silvio Gallo (2007) nos dá pistas de como o caminho do filósofo deve ser direcionado a produção de conceitos. E estamos falando dos alunos filósofos do ensino médio. A saber, dos alunos que investidos das questões filosóficas demandam suas inquietações na relação dual professor e aluno. Pontuando que “pensar é experimentar” (DELEUZE & GUATTARI, 2007, p. 143).

Vamos aos passos estabelecidos por Gallo (2007, p.26). Ele chama de *oficinas de conceitos* os passos que serão dados agora, a saber: a sensibilização, a problematização, a investigação e a conceituação.

Por sensibilização:

Trata-se [...] de chamar a atenção para o tema de trabalho, criar uma empatia com ele, isto é, fazer com que o tema ‘afete’ os estudantes. Sabemos que os conceitos só são criados para enfrentar problemas; e que só enfrentamos os problemas que efetivamente vivemos. Ora, de nada adiantaria que o professor indicasse um problema aos alunos; é preciso, para que eles possam fazer o movimento do conceito, que o problema seja vivido como problema para eles (GALLO, 2007, p. 27).

A ideia central é que os alunos sintam que a necessidade de produção de conceito margeie na sua esfera de experiência. Que ele conheça e se inquiete com as problemáticas em que vive na sua *empíria*, e isso requer do professor atenção e obstinação em perceber o cotidiano de seu discente.

Temos outra perspectiva, que consideramos a mais importante, que é a problematização. Recorremos ao autor:

Trata-se de transformar o tema em problema, isto é, fazer com que ele suscite em cada um o desejo de buscar soluções [...]. Podemos, nessa etapa, promover discussões em torno do tema em pauta, propondo situações em que ele possa ser visto por diferentes ângulos e problematizando em seus diversos aspectos. Nesta etapa, estimulamos o sentido crítico e problematizador da filosofia, exercitamos seu caráter de pergunta, de questionamento, de interrogação. Desenvolvemos também a desconfiança em relação às afirmações muito taxativas, às certezas prontas e às opiniões cristalizadas (GALLO, 2007, p. 29).

Já a investigação tem como função solucionar os problemas. Tal expediente se dará com as questões que provieram das problematizações, e que serão estudadas com a história da filosofia, as posições teóricas da mesma, bem como as tentativas de solução às inquietações nascidas das problematizações (GALLO, 2007).

Por fim temos a conceituação que é a função de recriar os conceitos. Que são vistos como ferramentas. A saber:

Os conceitos são ferramentas, e podem ser armas, dependendo do uso que deles fazemos. E claro que as armas não são boas ou más em si mesmas; os conceitos podem ser armas de transformação ou armas de conservação, dependendo das intenções de quem as usa. A aula de filosofia como oficina de conceitos está longe, portanto, de ser um

empreendimento ingênuo ou alienado. Pode ser arma de luta; o conceito pode ser ferramenta de engajamento (GALLO, 2007, p. 31).

A conceituação e si é o ápice do desenvolvimento da criação de conceitos ao aluno. Que pode ser considerada uma arma com finalidades diversas. Mas sempre será um conceito. Surge uma nova pergunta: como se dará essa formalização ou criação de conceitos na educação dos alunos de ensino médio? Na lembrança das habilidades e competências dos PCNS temo a leitura e a compreensão de textos filosóficos como uma das habilidades que os alunos do ensino médio precisam ter. E trata-se da mais expressiva, pois partilhar o texto de um autor e compreendê-lo requer todas as etapas citadas acima, e principalmente a problematização para se chegar eficazmente à conceituação.

Um dos recursos para a leitura de textos filosóficos é ensinar o aluno a ler o texto de forma analítica (RODRIGO, 2007). Existem duas etapas que precisam ser vivenciadas. Temos:

Esclarecimento semântico e conceitual: buscar a significação dos termos e conceitos desconhecidos, recorrendo a dicionários, enciclopédias e outras obras de referência geral, como os manuais e história da filosofia.

Estruturação lógica do texto: trata-se de elaborar um esquema apresentando a estrutura redacional do texto mediante a elaboração de uma espécie de índice dos vários tópicos abordados, segundo sua estrutura lógica (RODRIGO, 2007, p. 49).

A ideia principal no exposto é de afinar o leitor de textos filosóficos com os modelos de pesquisa. Deixar fazer evoluir uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão dentro das investigações conceituais, e isto se dará com:

Uma postura indagadora, introduzindo o aluno a cada conhecimento filosófico que, mais do que erudição acadêmica, seja significativo para ele, é preciso partir da realidade, dos seus modos de vivência e apreensão do real e da sua linguagem, de modo que se explicita algo que ele consegue perceber por conta própria, isto é, os nexos entre determinados temas e questões filosóficos e as indagações que podem suscitar suas próprias vivências e representações (RODRIGO, 2007, p. 57).

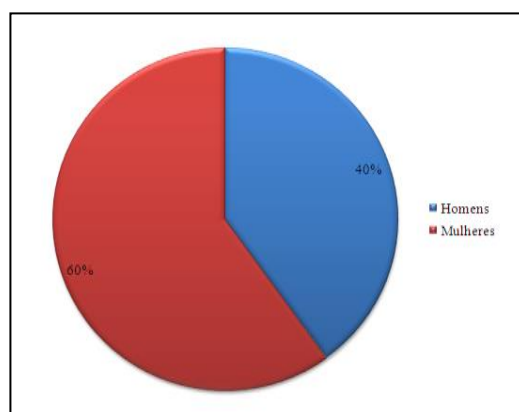
Uma hipótese principal nessa pesquisa é de que se houver uma preparação do professor ao seu aluno no que tange a aquisição deste aos conhecimentos e problematizações da realidade vivada pelo mesmo em seu cotidiano.

É-nos inerente que as adversidades podem acontecer, tais como uma má estrutura física de uma escola, impossibilitando o mínimo de conforto ao aluno para apreender as conceituações filosóficas, bem como a falta de preparo acadêmico do professor em lidar com os conteúdos filosóficos. Ou seja, o despreparo didático e pedagógico do mesmo. Mas este último tema pode ser circunstancial, no qual com sua extinção prevalece-se a hipótese principal.

As posturas que indagam sobre o processo filosofia/conceito/ação nos fez desdobrar, como observador participante, uma metodologia do professor de filosofia do Ensino Médio em Maceió/AL, com o intuito de corroborar uma didática inovadora com as primícias do aprendizado de conceitos propostas por Silvio Gallo revendo as teorias de Deleuze e Guattari.

Foi-se utilizado um questionário quali-quantitativo com 10 perguntas, contudo para esse artigo nos debruçamos em uma, somente, a respeito da visão dos alunos frente ao professor. Na coleta de dados, 95% dos alunos acharam o docente de filosofia um ótimo professor e os 5% restantes, um bom professor. O universo pesquisado foi de 50 alunos do 3º ano B. Sendo: 60% alunos do sexo feminino e 40% do sexo masculino, no total de 50 alunos pesquisados, como se ver no gráfico abaixo como ilustração:

Gráfico 1



Fonte: SANTOS, 2015

Pontuamos que um educador que atue na área de ensino da filosofia poderá se utilizar de diversas metodologias (recursos didáticos tais como música, filmes, poesias, pesquisas de campo etc) voltadas a ação didática contumaz. Esses recursos deverão ter uma função de integrar a teoria com a prática educativa, tornando-a mais clara e palatável aos alunos sobre diversas epistemologias do âmbito da filosofia. Pois:

A principal vantagem tanto para o professor quanto para o aluno [na didática] é que pelo fato de haver um fio condutor (critério) em torno do qual autores são agrupados, facilita o confronto de pensamentos entre os autores, bem como facilita vinculá-los a uma concepção epistemológica mais ou menos comum, tornando assim a compreensão conceitual mais clara (HORN, 2000, p. 62).

E acrescenta-se que os recursos didáticos não deixarão de ser também filosóficos, pois é também um componente do universo do ensino e aprendizagem inerentes ao educar como experiência pedagógica. Não nos esquecendo que “uma ideia não é outra coisa senão o conceito de uma perfeição que [...] se encontra na experiência” (KANT, 1999, p. 17).

Para exemplificar, temos um plano de aula (Anexo 1) do professor da escola pesquisada intitulado: *Racionalismo e Empirismo – exercitando os conceitos* (TORRES, 2015)². Qual foi a proposta do professor nesse plano de aula? Segundo o texto do mesmo os objetivos foram:

Proporcionar o aprendizado dos temas propostos para os alunos, de forma a conduzi-los a distinguir na prática as teorias do conhecimento na filosofia moderna.

Demonstrar como o ensino das teorias do conhecimento, conhecidas com racionalismo e empirismo, podem ser levadas ao conhecimento dos alunos, através de exercícios que mobilizem os sentidos e a razão, de maneira que possa haver o aprendizado da filosofia de forma mais simplificada e prazerosa para os alunos (ANEXO 1).

E como se deu o desenvolvimento do referido plano de aula?

A proposta metodológica do plano de aula foi de se utilizar do pátio da escola como local de execução desta atividade. Houve a utilização de recursos didáticos como a música clássica e objetos diversos: pedras (seixos) em água fria, sons de buzinas, sons de trotes de cavalos, dentre outros.

O espaço físico foi à parte aberta da escola, mas arborizada. Os alunos ficaram descalços para sentirem o chão com gramas e serragens de madeiras. A ideia era de propor que eles (em duplas) percebessem com os sentidos a natureza, mas com um parêntese: de olhos vendados.

² ANEXO 1.

Foi forrado no chão com britas finas para dar sensações diferenciadas aos alunos, dentre outros objetos. A ideia era de fazer com que os alunos pudessem com seus olhos vendados sentir as pedras nas mãos (seixos), as britas nos pés e deduzirem que o que estavam sentindo provinha das sensações do corpo com o meio natural. Em seguida foram retiradas as vendas dos olhos dos alunos, e eles tiveram de detectar se os conhecimentos inatos sofreram influências sobre os conhecimentos empíricos.

Imagem 1- Atividade Racionalismo e Empirismo



Fonte: SANTOS, 2015

Nesta foto vê-se o espaço físico da escola e duas caixas vermelhas contendo as pedras geladas e outra em temperatura normal.

Imagem 2- Atividade Racionalismo e Empirismo (II)



Fonte: SANTOS, 2015

Agora nesta imagem, observamos os marcos que foram colocados para que os alunos em duplas e com olhos vendados passassem pelas etapas do percurso proposto pelo professor.

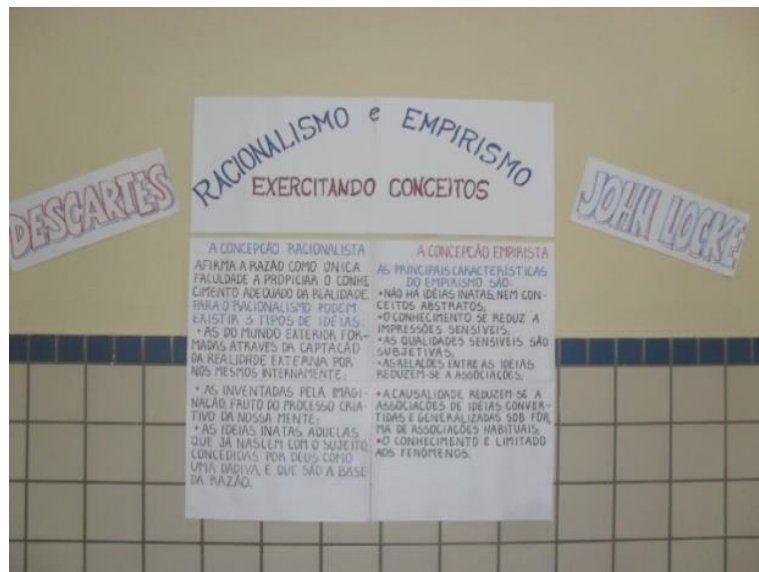
Imagem 3 - Atividade Racionalismo e Empirismo (III)



Fonte: SANTOS, 2015

Vê-se na Imagem 3 as serragens de madeira e uma lona preta contendo folhas secas por baixo.

Imagem 4 – Atividade Racionalismo e Empirismo (IV)



Fonte: SANTOS, 2015

Nesta imagem 4, observamos um painel contendo o arcabouço teórico sobre o Racionalismo e o Empirismo. E, por fim, na imagem 8 (abaixo), uma visão lateral do painel com uma imagem de animais.

Imagem 5 – Atividade Racionalismo e Empirismo (V)



Fonte: SANTOS, 2015

E na avaliação da experiência deste plano de aula o professor assim pontua:

Encerrado o tempo do exercício prático da aula, os alunos deverão ser dispostos em círculo e farão um relato das sensações passadas no decorrer da experiência, complementando esses relatos, o professor deverá fazer referência as duas formas de conhecimento que fora proposta; o racionalismo e o empirismo, abordando de forma expositiva, como cada uma das passagens feitas pelos alunos, se identificam com as correntes filosóficas, demonstrando que cada uma das sensações percebidas pelos sentidos, foram capazes de produzir conhecimento, e que tanto partindo da percepção quanto da razão, o homem tem caminhos que lhe leva ao conhecimento da verdade, e que a superação da dicotomia dessas duas correntes, que a seu tempo tiveram grande relevância para a história do conhecimento, e que gradativamente a seu tempo serão superadas para dá lugar a outras formas de entendimento que conduziram o homem ao desenvolvimento da ciência moderna. Assim, o conceito de racionalismo e empirismo, passará a ser bem mais entendido pelos alunos e a sua compreensão sobre os pensadores também se tornará mais fácil de ser assimilada (A.T. professor).

Podemos dizer que o presente plano de aula e sua metodologia fez com que os alunos capturassem além da leitura teórica da filosofia, uma metodologia como ferramenta de proporcionar uma experiência que podemos atribuir de criar conceitos. Podemos chamar essa aula de filosofia como uma oficina de conceitos, no qual não foi um empreendimento ingênuo ou alienado. E sim uma arma de luta (GALLO, 2007).

De acordo com o docente, estamos em um modelo atualizado de ensino que: *“privilegia os conceitos e as ideias sobre os conceitos, fazendo-os serem recriados constantemente. Eu vejo essa atividade como uma provocação para se pensar a filosofia”* (A.T – professor).

A forma exemplificada nesta atividade do professor trouxe-nos à baila a LDB de 1996 no seu artigo 35 que reza: “III- o aprimoramento do educando, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”.

Pois, essa autonomia intelectual “depende [rá] principalmente da aquisição de um método de trabalho, o que não quer dizer que os procedimentos metodológicos possam ou devam ser dissociados dos conteúdos filosóficos” (RODRIGO, 2007, p. 43). O docente se utilizou de uma metodologia diferenciada para alcançar o que podemos chamar de emancipação, criticidade e criação de conceitos. E, claro, se utilizou de trechos filosóficos das obras de Descartes e Locke para unir recursos didáticos aos textos dos pensadores acima citados.

Considerações Finais

Graças ao modo do ensino do professor da disciplina de filosofia na escola pesquisada, entendemos que é possível ensinar e aprender com racionalidade e emancipação intelectual. E nessa perspectiva encontramos discentes que foram preparados através da dialética professor e aluno para pensar a filosofia como transformadora e provedora de conceitos.

Concluimos que o bom uso de práticas didáticas no Ensino Médio, tendo como ilustração a aula do professor de filosofia e alunos pesquisados, nos trouxe as ‘possibilidades’ de se aprender filosofia de forma dinâmica e bem afinada com os conteúdos filosóficos e educativos em sala de aula. A capacidade de se verificar alunos com potenciais intelectivos e um professor que se ampara nesses potenciais, nos faz pensar que filosofar e produzir filosofia remetem-nos ao encontro do possível das boas articulações teóricas em um universo de escola pública pesquisada. Se considerarmos que o analfabetismo funcional campeia estudantes das escolas públicas, e nos debruçarmos sobre nossa pesquisa: saberemos que a importância da filosofia é iminente, no qual propõe para a educação as articulações da criticidade, da emancipação intelectual, da cidadania aos alunos e, também, aos professores, tornando-os menos alienados e mais críticos.

Referências

- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm > Acesso em fevereiro de 2018.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.
- DELEUZE, G. **A filosofia crítica de Kant**. Portugal: Edições 70, 2011.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 43, 1992.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 24. ed. São Paulo: Edições Graal, 2007.
- GALLO, S. **A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade**. In.: SILVEIRA, R; GOTO, R. (Orgs). **Filosofia no ensino médio**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- HORN, G. B. A presença da filosofia no currículo do ensino médio brasileiro: uma perspectiva histórica. In: GALLO, S.; KOHAN, W. O. (Orgs.). **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Piracicaba: Unimep, 1999.
- RODRIGO, L. Uma alternativa para o ensino de filosofia no ensino médio. In.: SILVEIRA, R; GOTO, R. (Orgs). **Filosofia no ensino médio**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- SANTOS, Y. G. **O Ensino da disciplina de filosofia no ensino médio analisado através de relatos de experiências de alunos em uma escola pública de Maceió/AL**. 2015. Disponível em << <http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/1635/1/O%20ensino%20da%20disciplina%20de%20filosofia%20no%20ensino%20m%C3%A9dio%20analisado%20atrav%C3%A9s%20de%20relatos%20de%20experi%C3%Aancias%20de%20alunos%20em%20uma%20escola%20p%C3%BAblica%20de%20Macei%C3%B3-AL.pdf>>> Acesso em Junho de 2018.
- TORRES, A. **Racionalismo e Empirismo** – exercitando os conceitos. Pesquisa apresentada na ANPOF no XV Encontro Nacional de pós-graduação em filosofia e I Encontro Nacional dos profissionais de Filosofia do Ensino Médio em Curitiba/PR (em CD), 2015.
- WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.